

# Estrutura de Gerenciamento de Riscos

# Sumário

<b>1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
1.1	Gerenciamento de Riscos .....	1
<b>2</b>	<b>Risco de Mercado .....</b>	<b>1</b>
2.1	Definição de Risco de Mercado.....	1
2.2	Estrutura de Governança e de Gerenciamento de Risco de Mercado .....	1
2.3	Mensuração e Modelagem de Risco .....	2
<b>3</b>	<b>Risco de Crédito .....</b>	<b>3</b>
3.1	Estrutura de Governança e de Gerenciamento de Risco de Crédito.....	3
3.2	Contrato de Derivativos.....	4
3.3	Análise de Risco de Crédito .....	4
3.4	Redução do Risco .....	4
<b>4</b>	<b>Risco Operacional .....</b>	<b>5</b>
4.1	Definição de Risco Operacional .....	5
4.2	Estrutura de Governança e de Gerenciamento de Risco Operacional.....	5
4.3	Procedimentos e Atividades de Gerenciamento de Risco Operacional .....	6
4.4	Metodologia de Mensuração de Capital e Parcela de Risco Operacional.....	6

# 1 Introdução

## 1.1 Gerenciamento de Riscos

O Conglomerado Morgan Stanley está exposto a diversos tipos de risco decorrentes de fatores internos e externos em função das características dos mercados em que atua.

Com o objetivo de assegurar um adequado gerenciamento de riscos no Conglomerado, foi estabelecida uma Estrutura de Gerenciamento de Risco de Mercado, Risco de Crédito e Risco Operacional. A descrição de cada estrutura está apresentada neste documento.



# 2 Risco de Mercado

## 2.1 Definição de Risco de Mercado

O risco de mercado é o risco de perda com relação à diminuição no valor de um instrumento financeiro ou de uma carteira devido a alterações no nível de preço de variáveis de mercado como taxas de juros, taxas de câmbio e preços de ações e mercadorias (*commodities*).

A gestão independente do risco de mercado é função do Departamento de Risco de Mercado ("MRD"). O risco de mercado no Conglomerado Morgan Stanley é oriundo principalmente das atividades de facilitação de operações para clientes, como prover operações de hedge para corporações e liquidez para investidores institucionais. Para todas essas atividades, MRD identifica, mensura, monitora, aconselha e questiona as exposições ao risco de mercado e provê relatórios tempestivos e acurados à Alta Direção.

## 2.2 Estrutura de Governança e de Gerenciamento de Risco de Mercado

A Diretoria Estatutária do Conglomerado conta com o auxílio do Comitê Executivo na supervisão da estrutura e das diretrizes para a avaliação e o gerenciamento do risco de mercado, incluindo a Política de Risco de Mercado. O Comitê de Riscos, composto pelos membros do Comitê Executivo do Conglomerado e pelo Diretor de Riscos Brasil ("CRO Brasil"), supervisiona as exposições ao risco de mercado e é responsável por assegurar que as mesmas sejam gerenciadas e reportadas de forma correta.

A estrutura de gerenciamento de risco de mercado é composta pelo Comitê de Riscos Brasil, pelo Departamento de Risco de Mercado ("MRD Brasil") e pelas Unidades de Negócios ("BUs"), que são responsáveis por supervisionar as exposições ao risco de mercado e assegurar que o perfil de risco do Conglomerado está compreendido dentro da estrutura de limites e alertas estabelecida e aprovada.

As principais atribuições do MRD Brazil são:

- Assegurar que os relatórios de risco de mercado são produzidos e atualizados de forma acurada e tempestiva;
- Assegurar que os controles de risco de mercado estão em uso e são efetivos;
- Estabelecer e monitorar os limites e alertas de risco de mercado;
- Revisar as métricas e modelos de risco de mercado;
- Identificar riscos decorrentes de novos produtos ou atividades;
- Calcular o capital regulatório relativo ao risco de mercado;
- Estabelecer a Política e os Procedimentos de Risco de Mercado do Conglomerado.

### 2.3 Mensuração e Modelagem de Risco

MRD desenvolve e implementa modelos de risco e ferramentas para monitorar e mitigar os riscos. O risco de mercado é avaliado sob perspectivas retrospectiva (histórico de métricas nominais e de sensibilidades) e prospectiva (Value-at-Risk (“VaR”) e Testes de Estresse). MRD também é responsável pelo cálculo das parcelas do montante do RWA relativas ao risco de mercado através da abordagem padronizada prescrita pelo Banco Central do Brasil.

A mensuração e análise do risco de mercado é feita através da coleta de dados ao nível de posições disponíveis nos sistemas de risco mantidos pelas Áreas de Negócios. Tais dados incluem tanto métricas nominais (“Nominal”) quanto métricas relativas a especificação da sensibilidade da posição a um determinado fator de risco de mercado (“Sensibilidades”).

O Nominal é utilizado na avaliação de exposições em emitentes e contrapartes e em produtos de caixa. Sensibilidades são mais apropriadas para a avaliação do risco de derivativos pois possibilitam melhor agregação de riscos entre instrumentos e mesas de negociação.

A modelagem de risco de mercado é desenvolvida pela área global de Modelagem de Risco (“Risk Analytics”) de MRD. Dentre os principais modelos utilizados estão o VaR e o S-VaR.

#### VaR

VaR é uma estimativa da potencial perda futura que, sob condições normais de mercado, não será excedida em um determinado período de manutenção da carteira e com um determinado nível de confiança. MRD calcula o VaR diariamente usando níveis de confiança de 95 e 99 por cento e assumindo 1 dia de manutenção da carteira.

A metodologia desenvolvida por MRD para o risco sistemático utiliza uma simulação histórica filtrada, onde as mudanças nas séries de tempo dos fatores de risco são usados para gerar uma distribuição empírica não-paramétrica de variação de resultados (“P&L”) para um determinado ativo ou carteira.

A distribuição do P&L simulada para o horizonte de tempo de 1 dia é calculada utilizando uma série de tempo de variações diárias nos fatores de mercado que foram modificadas para levar em consideração os níveis de volatilidade atuais. A janela de observação para a simulação histórica é de 4 anos.

MRD calcula ainda o Stressed VaR que segue os mesmos procedimentos do VaR porém é baseado numa janela contínua de observação de 1 ano que representa um período significativo de estresse de mercado, condizente com a carteira da Firma.

### Stress VaR (“S-VaR”)

A Firma desenvolveu o Stress VaR (“S-VaR”) como componente principal para a sua estrutura de teste de estresse. S-VaR possui um arcabouço abrangente, que foi elaborado para capturar riscos de mercado e crédito concomitantes incorporando ainda os horizontes de liquidação dos ativos. Ele inclui os riscos sistemáticos e específicos assim como os riscos de basis, gaps e jump-to-defaults.

O resultado do S-VaR é a perda esperada na cauda (“Expected Tail Loss”) com nível de 99 por cento de confiança em um horizonte de um ano. Adicionalmente, a fim de medir o risco apropriadamente em um horizonte de um ano, o modelo atribui a liquidez apropriada para cada classe de ativo.

## 3 Risco de Crédito

O Conglomerado Prudencial Morgan Stanley entende ser de extrema relevância assegurar o entendimento e a confiança na qualidade do gerenciamento do Risco de Crédito através da comunicação para a alta administração em Nova Iorque, no Brasil e partes interessadas (incluindo acionistas, agências de classificação de risco de crédito, contrapartes e órgãos reguladores globalmente). Assim, o Departamento de Gestão de Risco de Crédito no Brasil foi estruturado de forma que a alta administração em Nova Iorque e no Brasil tenham bom entendimento a cerca das políticas, responsabilidades e ações do Departamento no Brasil.

As principais responsabilidades do Departamento de Gestão de Risco de Crédito consistem em avaliar, classificar e definir limites às contrapartes do Conglomerado, além de monitorar e gerenciar riscos decorrentes das exposições existentes que estão relacionadas a operações de empréstimos e financiamento, bem como aos demais instrumentos financeiros.

Risco de Crédito refere-se ao risco de perda decorrente quando um devedor ou contraparte não cumpre suas obrigações financeiras. O Morgan Stanley incorre em exposição de risco de crédito para instituições e investidores sofisticados (Institutional Securities). No Brasil, este risco pode surgir de uma variedade de atividades, incluindo, mas não limitado a, celebrar contratos de swap ou outros derivativos em que as contrapartes têm obrigações para realizar pagamentos ao Morgan Stanley; estender crédito a clientes através de compromissos de empréstimos e depositar margem e/ou colateral para câmaras de compensação, bolsas de valores e de mercadoria e futuros, bancos, corretoras e outras contrapartes financeiras.

### 3.1 Estrutura de Governança e de Gerenciamento de Risco de Crédito

O Morgan Stanley possui uma Estrutura de Gerenciamento de Risco de Crédito Global que reflete o que cada um dos seus negócios gera de Riscos de Crédito, e o Departamento de Gestão de Risco de Crédito Global estabelece as práticas globais para avaliar, monitorar e controlar a exposição de crédito dentro e entre segmentos de negócios. O Morgan Stanley utiliza uma Estrutura de Limites de Crédito global e abrangente como uma das principais ferramentas utilizadas para avaliar e gerenciar níveis de risco de crédito em todo o Morgan Stanley. A Estrutura de Limites de Crédito é calibrada considerando a tolerância de risco do Morgan Stanley e possui limites globais de concentração de portfólio por país, por indústria, por tipo de produto e por contraparte. O Departamento de Gestão de Risco de Crédito é responsável por garantir a transparência dos riscos de crédito relevantes, assegurar o cumprimento dos limites estabelecidos, aprovar as extensões materiais de crédito e adereçar concentrações de riscos para a autoridade sênior apropriada. A exposição de risco de crédito é gerenciada por profissionais de crédito e por comitês do Departamento de Gestão de Risco de Crédito e através de vários comitês de risco, os quais incluem membros do Departamento de Gestão de Risco de Crédito. O Departamento de Gestão de Risco de Crédito também trabalha conjuntamente com o Departamento de Risco de Mercado e unidades de negócio para monitorar as exposições de risco.

### 3.2 Contrato de Derivativos

No curso normal dos negócios, o Morgan Stanley é parte de uma variedade de contratos de derivativos relacionados a instrumentos financeiros e commodities. O Morgan Stanley utiliza estes instrumentos para trading e hedging, bem como para o gerenciamento de ativos e passivos. Estes instrumentos geralmente representam compromissos futuros de swap de juros, moedas, ou compra ou venda de commodities e outros instrumentos financeiros em termos e datas futuras específicas. Muitos desses produtos possuem vencimentos que não ultrapassam um ano, embora os swaps e as opções normalmente possuam prazos mais longos.

O Morgan Stanley incorre em risco de crédito uma vez que atua no mercado de balcão de derivativos. O risco de crédito relacionado aos instrumentos de derivativos ocorre caso uma contraparte não cumpra os termos do contrato. A exposição de risco de crédito do Morgan Stanley em qualquer momento é representada pelo valor justo dos contratos de derivativos reportados como ativos, líquidos de posições de caixa recebidas como colateral. O valor justo dos derivativos representa a quantia pelo qual o derivativo pode ser realizado em uma transação entre os participantes no mercado. Mudanças futuras nas taxas de juros, taxas de câmbio de moedas estrangeiras, ou os valores justos dos instrumentos financeiros, commodities ou índices atrelados a esses contratos podem resultar em liquidações em dinheiro que excedam o valor justo reconhecido nas Demonstrações Financeiras.

Além do controle e do gerenciamento de riscos de crédito referenciados ao valor justo atual do instrumento de derivativos, o Morgan Stanley controla e gerencia exposições de crédito relacionadas à exposição potencial. Exposição potencial é uma estimativa da exposição, dentro de um nível de confiança especificado, que pode se tornar exposição real ao longo do tempo com base em movimentos de mercado.

Adicionalmente às atividades mencionadas anteriormente, há outros riscos de créditos gerenciados pelo Departamento de Gestão de Risco de Crédito e as várias áreas de negócio do segmento de Institutional Securities. O Morgan Stanley incorre em risco de crédito através das transações de margens e colateral com as câmaras de compensação, bolsas de valores e mercadorias, bancos e outras contrapartes financeiras. Além disso, um grupo de gerenciamento de colateral dentro do Departamento de Operações monitora as posições de colateral em relação aos níveis requeridos e é responsável pela administração da função de colateral.

### 3.3 Análise de Risco de Crédito

O Gerenciamento do risco de crédito realiza-se com foco na transação, na contraparte e no portfólio. A fim de proteger o Morgan Stanley contra perdas resultantes dessas atividades, o Departamento de Gestão de Risco de Crédito garante que as operações de empréstimos e as exposições de derivativos sejam analisadas, que as avaliações de crédito das contrapartes e tomadores sejam revisadas regularmente e que as exposições de crédito sejam ativamente monitoradas e gerenciadas. O Departamento de Gestão de Risco de Crédito atribui ratings de crédito para contrapartes e tomadores, que refletem uma avaliação da probabilidade de inadimplimento de uma contraparte e/ou tomador .

Adicionalmente, o Departamento de Gestão de Risco de Crédito avalia a posição relativa da obrigação de um determinado tomador na estrutura de capital do cliente e a perspectiva de recuperação, além do colateral (se aplicável) e outros elementos estruturais da transação em particular.

### 3.4 Redução do Risco

O Morgan Stanley pode decidir atenuar o risco de crédito de suas operações de derivativos de várias maneiras. Na transação, o Morgan Stanley pode decidir reduzir os riscos através do gerenciamento de elementos principais de risco tais como volume, prazo, restrições financeiras (covenants), subordinação e garantias.

O Morgan Stanley protege a sua exposição à derivativos através de vários instrumentos financeiros que podem incluir uma contraparte individual, um portfólio ou derivativos de crédito estruturados.

Nos contratos de derivativos, o Morgan Stanley geralmente assina contratos com acordos de compensação da exposição das operações e acordos de garantia com as contrapartes. Esses contratos proporcionam ao Morgan Stanley a capacidade de compensar os direitos e obrigações de uma contraparte, solicitar garantias adicionais quando necessário ou liquidar a garantia num evento de inadimplência.

## 4 Risco Operacional

A Política Global de Gerenciamento de Riscos Operacionais e seus procedimentos definem conceitos, estabelecem as diretrizes, metodologias e ferramentas a serem aplicadas no Banco de acordo com sua natureza, tamanho e complexidade dos seus produtos, serviços, atividades e processos.

### 4.1 Definição de Risco Operacional

Risco Operacional é definido como risco de perda ou danos reputacionais ao Morgan Stanley, resultante de falha ou inadequação de processos, pessoas e sistemas ou de eventos externos. Essa definição inclui o risco legal e exclui o risco estratégico.

### 4.2 Estrutura de Governança e de Gerenciamento de Risco Operacional

A estrutura de gerenciamento de risco operacional local é composta por:

- Comitê de Riscos Brasil, composto pelos membros do Comitê Executivo do Conglomerado;
- Comitê de Gerenciamento de Risco Operacional Brasil, composto pelas áreas de negócio e de suporte do Conglomerado;
- Departamento de Risco Operacional, se reportando ao Chef Risk Officer (CRO) do Conglomerado, e ao Departamento de Risco Operacional de Nova Iorque;
- Unidades de Negócio e de Suporte, como responsáveis primários pelo gerenciamento de riscos operacionais, e
- Coordenadores de Risco Operacional: cada área ou departamento possui um ponto focal para reporte e atendimento das questões relacionadas a risco operacional.

Principais Atribuições do Departamento são:

- Supervisionar, analisar e monitorar o risco operacional no Conglomerado;
- Produzir e apresentar análise de riscos e relatórios para informação da alta administração do Conglomerado e dos Comitês;
- Validar e verificar a efetividade da estrutura de gerenciamento de risco operacional estabelecida na Política Global de Risco Operacional;
- Dar suporte as áreas nos procedimentos de Auto-Avaliação de Riscos e Controles, de Captura de Incidentes de Risco Operacional, de Captura dos "Issues" e Planos de Ação. Monitorar e reportar sobre a qualidade, tempestividade e completa aderência nesses procedimentos;
- Desenvolver e manter ferramentas de suporte para a gestão de risco operacional;
- Fornecer treinamentos e conscientização de risco operacional e também sobre a política, e
- Fornecer mecanismos de reporte para possibilitar o monitoramento sobre as políticas e procedimentos relacionados.

### 4.3 Procedimentos e Atividades de Gerenciamento de Risco Operacional

O departamento de risco operacional implementou procedimentos para identificação, avaliação, monitoramento, controle e mitigação de riscos operacionais:

- **Avaliação de Riscos:** é o processo para determinar o nível de risco do Conglomerado e identificar riscos que requerem ações. Uma das ferramentas utilizadas para a avaliação de risco é a execução do processo de Auto-Avaliação de Riscos e Controles pelas áreas de negócio e de suporte.
- **Incidentes de Risco Operacional:** é o processo de captura e reporte dos incidentes internos de risco operacional ocorridos ou que impactaram as áreas. O Conglomerado mantém um repositório dessas informações para coleta dos dados, seja quantitativos ou qualitativos.
- **Ações Corretivas:** quando um risco operacional identificado está acima do nível aceito pelo Conglomerado, as áreas responsáveis identificam, se aplicável, uma ação corretiva para redução do nível de risco. O Conglomerado possui uma ferramenta para monitoramento de potenciais riscos operacionais e seus planos de ação.
- **Mensuração e Reporte de Riscos:** O departamento de risco operacional independentemente, avalia, mede e monitora os riscos operacionais do Conglomerado e fornece relatórios de risco para a Diretoria do Conglomerado, Comitês e Grupos de Supervisão. Os relatórios podem apresentar o perfil de risco do Conglomerado, incidentes e perdas operacionais ocorridas no período, pontos de atenção significativos no período, status de planos de ação, situação dos indicadores, quando aplicável, e escala as questões relevantes.

### 4.4 Metodologia de Mensuração de Capital e Parcela de Risco Operacional

O Conglomerado no Brasil optou pela Abordagem do Indicador Básico (BIA), que corresponde ao modelo mais simplificado para o cálculo de alocação de capital referente a parcela de risco operacional.